

# Introdução



*Uma psicanálise contemporânea.* O artigo indefinido destaca aquilo em que André Green tanto insistiu: na possibilidade de uma psicanálise que não se debruce sobre si mesma e não se unifique em teorias que a tornem um objeto fechado e que não se torne *a* psicanálise.

A história pessoal de André Green, o ambiente cultural e intelectual vivido nos anos de sua chegada à França e de sua formação, sua inteligência excepcional fazem dele um dos pensadores fundamentais desta psicanálise contemporânea, que porta em si a noção de abertura, de complexidade, de heterogeneidade.

André Green dizia não ser ele próprio *greeniano*, que não tinha uma *escola* e que, portanto, não teria *seguidores*, uma vez que seu pensamento e sua proposta de pensar o aparelho psíquico era formado por várias teorias e seria constituído por diferentes vias, vias que utilizavam o *dentro e o fora*. Podemos dizer o *dentro-fora* dele, Green, ou, como insistia, o entrelaçamento do *intrapsíquico* e o *intersubjetivo*: a inteligência, a perspicácia, a capacidade clínica, a força, os dons,

a capacidade para acessar, entender e decodificar os movimentos de aparelhos psíquicos em formação. Green propôs novas formas de se pensar metapsicologicamente este aparelho psíquico e, certamente, essa sua capacidade deve-se também a algo muito especial nele, a algo deste interno, deste *intrapíquico*. O *fora*, o intersubjetivo, a capacidade de articulação com as teorias psicanalíticas existentes, sobretudo as de Freud, Lacan, Winnicott e Bion e a capacidade de dialogar com outras ciências e com a cultura. Essas vias permitiram que ele nos mostrasse uma psicanálise aberta, em movimento, dando continuidade à teoria freudiana, dando espaços aos conceitos para que estes sofram metamorfoses, permitindo que a clínica e a teoria possam se associar progressivamente às mudanças, sem perder os fundamentos da psicanálise.

Logo após sua morte no verão de 2012, propus à Revista da SPPA a ideia de homenagearmos André Green através de um número especial da nossa revista. Minha ideia veio ao encontro de uma escolha da equipe editorial de ser este tema um dos números temáticos de 2013. Desta forma começamos a trabalhar para a realização do mesmo. Convidamos amigos e colegas de André Green para escreverem sobre seu pensamento. Acredito que, nesta homenagem que a Revista da SPPA faz a André Green, ficará o registro de algumas de suas principais ideias a partir da ótica de cada um destes autores, ou seja, já metamorfoseadas – e do reconhecimento das mesmas como lugar de destaque na psicanálise contemporânea. Sabemos que esta não será mais a mesma após André Green. Sua obra densa e rica o consagra como um dos grandes pensadores da psicanálise.

Apresentar ao leitor os amigos e colegas que prontamente aceitaram o convite para fazer parte deste volume é uma honra. Onze artigos aqui apresentados estão sendo publicados pela primeira vez e foram escritos atendendo aos nossos convites: os artigos de Marília Aisenstein e Claude Smadja, Christian Delourmel, Bernard Chervet, Cesar e Sara Botella, Gilbert Diatkine, Michel Ody e Cláudio Eizirik. Os artigos de Cesar e Sara Botella, M. Ody, Diatkine e C. Eizirik, ao mesmo tempo, tiveram suas origens nas apresentações orais realizadas em 17 de novembro de 2012, em Paris, por ocasião da homenagem que a *Sociedade Psicanalítica de Paris* prestou a André Green. Norberto Marucco e Fernando Urribarri, colegas latino-americanos, nos presenteiam com dois artigos não inéditos, porém publicados aqui pela primeira vez em português.

O convite que fiz a Litza Green para que se juntasse a nós nesta homenagem levou-me a receber uma resposta contendo uma carga de grande emoção: ela não apenas prontamente aceitou, como manifestou satisfação em voltar a escrever e escrever um artigo dedicado ao esposo, André. Passemos, agora, a uma rápida apresentação de cada autor.

**Litza Gutierrez-Green** é esposa de André Green. Psiquiatra, psicanalista e membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de Paris e da Sociedade Suíça de Psicanálise. Fez seus estudos de medicina em Paris e sua formação em psiquiatria em Genebra junto ao professor Julian de Ajuriaguerra. Escreveu sobre a histeria, dor psíquica, o feminino e o desejo do feminino no homem, entre outros. O leitor atento das obras de Green observará que inúmeros de seus livros foram dedicados a ela. O artigo aqui apresentado se origina em uma conferência proferida por ela em Istambul em 2007, entretanto o texto foi totalmente reescrito para esta publicação. O título escolhido – *O tempo dinâmico da análise e o tempo imóvel da eternidade* – fala por si. Litza escolhe o caso clínico de Pierre, um paciente obcecado pelo tempo e pela morte, para dedicar ao marido André as reflexões que esta análise lhe inspirou e que deve muito a sua obra.

**Cesar e Sara Botella** são psicanalistas, membros efetivos e analistas didatas da Sociedade Psicanalítica de Paris e também analistas de crianças. Cesar e Sara eram amigos muito próximos de André Green. Cesar foi secretário geral de Green quando este esteve na presidência da Sociedade Psicanalítica de Paris e trabalharam juntos durante grande parte de suas vidas. Foi no terreno científico que as trocas se estabeleceram individualmente, em pequenos grupos, ou mesmo nos jantares amigáveis, nos quais a psicanálise acabava sempre sendo assunto. Cesar Botella foi o responsável por organizar o livro em homenagem a André Green, quando da comemoração dos seus setenta e cinco anos, *Penser les limites*, uma coletânea que reuniu mais de setenta participantes, entre psicanalistas, escritores, antropólogos, biólogos, helenistas, filósofos, linguistas e outros estudiosos e pensadores.

**Marília Aisenstein** é psicanalista, membro efetivo e analista didata da SPP e Membro do Instituto de Psicossomática de Paris. Autora de inúmeros artigos e referência mundial nos estudos da psicossomática, Marília relata que, na época em que fazia a formação analítica na SPP, em 1977, não escolheu Green como seu supervisor porque “ele já era o mestre, o pensador, a estrela, mas tinha muitos outros psicanalistas importantes ... e ele tinha a fama de ser muito duro. Diziam que os supervisionandos saíam chorando de lá... e isso me dava medo”<sup>1</sup>. Muito tempo depois, quando M. Aisenstein já era analista didata e presidente da SPP, foi supervisionar com Green a respeito de um paciente muito violento, que gritava se ela se calasse e que lhe dizia para se calar se ela falasse. O paciente ameaçava se matar para ameaçar a sua reputação ou para acabar com a sua análise. Foi com Green que ela pôde discutir melhor sobre esse tipo de paciente. Desde então tornou-

---

<sup>1</sup> Comunicações verbais.

se amiga de André Green e esta amizade durou até o final de sua vida. Sua descrição de Green é clara: “personalidade complexa – se, por um lado, era passional, violento, colérico e ele poderia ser odioso, por outro, porém, ele era também sensível e infinitamente generoso”. Ela destaca em André Green: “apaixonado pela verdade e pela autenticidade, ele suportava a crítica e mesmo a oposição, mas ficava terrivelmente brabo quando ele sentia a menor falsidade, seja lá no que fosse. Ali, ele tornava-se furioso”.

**Claude Smadja** é psiquiatra, psicanalista didata da SPP, ex-diretor da *Revista Francesa de Psicossomática*, diretor médico do Instituto de Psicossomática de Paris, autor de inúmeros livros, entre eles *Os modelos psicossomáticos*.

**Gilbert Diatkine** é psiquiatra, psicanalista, membro efetivo e analista didata da SPP. Foi supervisionando de André Green quando iniciou sua formação analítica na SPP e participou de inúmeros de seus seminários, entre eles aqueles sobre a *psicose branca*, ministrado juntamente com Jean Luc Donnet, os que Green coordenava com Francis Pasche e aqueles sobre Bion e Winnicott, autores que Green contribuiu para introduzir na França. Gilberto Diatkine foi secretário científico da SPP no período 1988/90, quando Green era presidente. Junto de outros colegas e liderados por Green, G. Diatkine participou da organização da primeira manifestação da SPP aberta ao público, o colóquio na Unesco: *La psychanalyse, questions pour demain*. Foi com o apoio de André Green, na gestão de Diatkine, (1993/1995), que a IPA aceitou o modelo francês de formação psicanalítica no qual não há mais diferença entre a análise didática e a análise terapêutica. Durante mais de trinta anos, Gilbert Diatkine foi psiquiatra psicanalista de um centro para crianças violentas da região parisiense. Ocupou diferentes funções junto ao Instituto de Psicanálise da SPP entre 1998 e 2004. É também diretor associado para a formação do Instituto Han Grone-Prakken de Psychanalyse para a Europa do Leste desde 2001.

**Bernard Chervet** é psiquiatra, psicanalista didata de SPP e presidente da mesma desde 2011. É membro do comitê editorial das *Monografias e debates em psicanálise*. Autor de inúmeras publicações e reconhecido por trabalhos sobre metapsicologia, seu artigo aqui publicado é uma amostra disto. Em 2009 foi o relator do Congresso de psicanalistas de línguas francesas, cujo relatório sobre o *après-coup* foi traduzido e publicado por nossa Revista. Editor da *Unité et diversité des pratiques du psychanalyste*, obra dirigida por André Green, publicou, pela SPP, *Freud en français: bibliographie complète des écrits de Freud avec concordances allemande et anglaise* (2012) e criou em 2013, na SPP, a coleção *Homenagens*, onde publicou dois volumes, um dedicado a Joyce McDougall e outro a André Green (*no prelo*). Manteve-se próximo de Green durante a última

---

parte de sua vida, na qual, em um respeito recíproco, se estabeleceu uma colaboração na preparação de colóquios e publicações e no compartilhamento de sua forma de conceber a vida psíquica e a psicanálise.

**Christian Delourmel** é psicanalista, membro efetivo e analista didata da Sociedade Psicanalítica de Paris e membro do Instituto de Psicossomática Pierre Marty, autor de inúmeros artigos, vários deles dedicados a articulações das ideias de André Green, sendo um conhecedor de sua obra. Seu mais recente artigo sobre A. Green está sendo publicado neste ano no IJP: *An introduction to the work of André Green*.

**Michel Ody** é psicanalista, membro efetivo e analista didata da SPP, analista de crianças de adolescentes, ex-membro do Comitê de Direção do Instituto de Paris da SPP, ex-chefe de equipe do Centre Alfred Binet de Paris durante mais de trinta anos e atualmente professor honorário. Recebeu o prêmio *Maurice Bouvet* em 1988 e tem dezenas de artigos publicados, dentre eles o *Édipo como atrator*, texto este referência na psicanálise contemporânea. Foi supervisionando de André Green de quem se tornou amigo.

**Norberto Marucco** é psicanalista, analista didata da Associação Psicanalítica Argentina, ex-presidente da Associação Argentina de Psicanálise, membro do Comitê de Práticas Analíticas e Atividades Científicas da IPA, *chair* da Comissão de Educação da Federação Psicanalítica da América Latina, professor associado da Universidade de Buenos Aires (1974-77). Apresentador dos relatórios para os Congressos Internacionais da IPA em Berlin (2007) e Barcelona (1997), é autor do livro *Cura analítica e transferência* e coautor de vários livros editados na Argentina, Itália, França, Inglaterra e Brasil. O artigo aqui apresentado foi escrito em homenagem a Green e publicado originalmente na *Revista da APA*. Marucco considera que este artigo revela seu reconhecimento teórico e afeto pessoal por Green.

**Fernando Urribarri** é membro da Associação Psicanalítica Argentina. Propôs à Universidade de Buenos Aires o título de professor honorário a André Green e colaborou na organização de vários livros seus, escrevendo capítulos, prefácios e posfácios. O artigo aqui publicado, *O pensamento clínico: contemporâneo, complexo, terciário*, apareceu originalmente na *Revista de Psicanálise da APU* (Uruguai) e está sendo agora publicado pela primeira vez em português.

**José Canelas** é psiquiatra, formado pela Universidade de Paris XIII, com formação psicanalítica pela Sociedade Psicanalítica de Paris, membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e editor da revista *Ide – Psicanálise e Cultura*.

**Cláudio L. Eizirik** é professor assistente do Departamento de Psiquiatria e Medicina Legal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, membro efetivo e analista didata da SPPA, ex-presidente da Fepal e da IPA, autor de trabalhos sobre técnica e ensino da psicanálise, relação entre psicanálise e cultura e aspectos psicanalíticos do envelhecimento. Foi em sua gestão como presidente de IPA, durante o Congresso de Berlin, em 2007, que se outorgou a André Green o mais importante prêmio desta instituição, o *The outstanding scientific achievement award*. André Green, em momento de grande emoção, proferiu palavras de esperança em relação ao futuro da psicanálise e viu um auditório inteiro, também emocionado, aplaudi-lo em pé, um verdadeiro reconhecimento de todos os colegas presentes.

Gostaria, ainda, de deixar um depoimento pessoal auxiliada por algumas lembranças desta última década, quando pude participar de congressos onde a presença de André Green era notória, sobretudo os congressos de psicanalistas de línguas francesas que ocorrem anualmente. Sempre de forma marcante, vigorosa e séria, ele debatia e defendia seus pontos de vista, muitas vezes renovando-os, pontos de vista nos quais seu conhecimento profundo da obra de Freud era sempre revelado. Sua memória me impressionava. Sua forma de se manifestar, sobretudo quando não estava de acordo com as ideias que ali surgiam, era expressa naquele tom severo, crítico, pesado. Mas *sempre* com conteúdos que exigiam tempo para serem digeridos, ao menos por mim.

Ter me dedicado a traduções e revisões de traduções de muitos dos seus artigos para o português, inclusive a revisão da tradução do livro publicado pela SPPA, *O trabalho do negativo*, me permitiu um contato mais próximo, pois, diante de qualquer demanda, André Green respondia sempre prontamente.

Estive presente em diversos de seus seminários na Sociedade Psicanalítica de Paris, os teóricos das quartas-feiras e os clínicos das sextas-feiras. Vários foram os aprendizados que trago como marcas em minha formação e o artigo que aqui publico como esboço daquilo que compreendo por *representação-afeto* é um exemplo. Concluo acentuando o quanto sou grata a André Green por me ajudar a ampliar a possibilidade de, a cada leitura dos seus textos, sentir que eles agem como um terceiro que impulsiona meu trabalho clínico e não me deixa sozinha nas *ilhas* em que muitas vezes nos colocamos ou somos colocados pelos pacientes, pela sociedade, pela cultura e sobretudo por nós mesmos.

**Luciane Falcão**  
Membro efetivo da SPPA